



Arte original: Glaucia Nagem –“ Falatório 2” / Concepção e arte do cartaz: Maurício Simões / Web Designer: Ilana Chaia Finger

Prelúdio 4

Um saldo ético da análise

Lacan destacou fortemente dois aspectos fundamentais e complementários em relação a ética. Nos anos sessenta, a ética do desejo, trabalhada a partir de *Antígona* de Sófocles, permitiu situar o momento preciso do desejo feito visível - ἥμερος ἐναργής -, cujo brilho inaugurou um modo de pensar o desejo fora da dialética das trocas, da moral e do bem. Esse acontecimento obriga a baixar os olhos diante de um real que interpela: agimos em conformidade com o desejo que nos habita? O que orienta nosso ato? Interrogar-se não implica em responder-se; a pergunta pode adquirir ressonância universal, como na tragédia grega, ainda que a resposta se produza singularmente, sempre contextualizada, histórica e situada no devir do analisante.

Outro aspecto destacado por Lacan é a ética do bem-dizer, igualmente orientada para o real. Interpela a responsabilidade do analisante diante da presença encarnada do real na origem do discurso e do laço social. O dizer, como irrupção intempestiva, se localiza fora da cadeia de sentidos, toca o real corporal,

opera como borda, cria um litoral ali onde antes somente havia opacidade ou resto não elaborável. O ato de dizer comporta um caráter criacionista, deliberado e performativo, funda uma realidade nova na medida em que institui critérios de legibilidade para si.

Estes elementos permitem conceber a ética do campo lacaniano como orientada para o real, em continuidade direta com a torção inaugurada por Freud. O real freudiano se reconhece em sua dimensão energética, na opacidade transbordante da pressão pulsional e na exigência de satisfação que insiste mais além de toda a organização representacional e de toda tramitação afetiva. Ali se aloja a força que organiza os conflitos dinâmicos e, simultaneamente, o ponto de apoio a partir do qual se constitui a responsabilidade do analisante.

A confrontação com esse real pulsional convoca uma responsabilidade singular. A análise introduz o sujeito em uma zona onde a causa interpela no mesmo litoral em que emerge a realidade psíquica. O fantasma intervém como dispositivo que promete estabilização, condensa sentidos, fixa posições e encobre opacidades e restos inassimiláveis. Frente a essas operações, a responsabilidade analisante consiste em dismantelar a eficácia do fantasma, um momento crucial do trabalho analítico, em que o luto pelas seguranças neuróticas convoca a invenção de novos modos de tramitar a pressão que persiste e reivindica elaboração.

Essa invenção se mostra decisiva para aqueles que desabonaram do fantasma. Aí se torna imprescindível não somente abrir novas vias para o gozo, mas também exercitar um modo distinto de leitura. Uma leitura renovada de si permite uma autolegibilidade inédita, abre caminhos para os afetos e reorganiza a leitura que o sujeito produz do laço social.

A partir dessa perspectiva, a alegria – um afeto frequentemente desvitalizado pela repetição, pelo caráter ou pela angústia – se transforma em “esse estado do qual é impossível decidir se celebra um reencontro ou comemora uma perda” (Pellion, 2019)¹. Separar-se do destino outorga uma liberdade orgulhosa de sua humildade, que goza do efêmero como revanche após ter abandonado a fixação. Essa alegria abraça o acaso da contingência com avidez do novo. Não se reduz ao entusiasmo que pode acompanhar o final de análise; é também, como propõe Dominique Fingerman, uma modalidade de afirmar que “há alegria (*Y a d’la joie*), como quem diria há Um (*Y a d’l’Un*)”.

¹ Pellion, Frédéric.(2019). *Nota sobre a alegria*. Preliminar do X Encontro Internacional IF-EPFCL, <http://champlacanien.net/public/docu/4/ec2018pre3.pdf>, cf. Wunsch n.19, p. 6.

Dizer há alegria no sentido proposto por Dominique Fingerman² – *Y a d'la joie, comme on dirait Y a d'l'Un* – permite situar a alegria na lógica do *Yad'lun*. Não constitui um estado psicológico nem expressa harmonia interior; emerge como acontecimento-efeito do dizer. Assim como Lacan propõe *il y a de l'Un* como surgimento contingente que existe unicamente no ato de dizê-lo – o Um acontece, o Um não é -, a alegria surge quando esse dizer produz uma marca que incide na vida afetiva. A alegria se apresenta então como correlato sensível do momento em que o real fica circunscrito e essa operação modifica a modalidade de afetar-se. Um dizer bem-sucedido constitui por sua vez um ato estético e um ato político, portanto transforma a existência e o devir.

Esse *há alegria* guarda afinidade estrutural com o *há Um*. Ambos dependem do ato de dizer; ambos se produzem no instante em que a linguagem roça o real e deixa uma marca. Nesse sentido, a alegria – longe de alienar a subjetividade – indica uma variação da economia pulsional, uma redistribuição do gozo que torna habitável um terreno antes dominado pela compulsão ou pela opacidade. Compreendida como acontecimento, a alegria é o afeto que surge quando o sujeito aloja um *dizer* em sua própria experiência analítica. Acaso não se produz esse afeto na zona onde o real, circunscrito pelo dizer, deixa de se apresentar como irrupção cega e começa a operar dentro do campo do gozo?

Proponho explorar essa proximidade entre *Y a d'l'Un* e o dizer e *Y a d'la joie* no corpo. Quando a alegria irrompe como uma cor nova na paleta da libido, pinta o mundo e o corpo de outra maneira. Este afeto e sua relação com o ato de dizer é um saldo ético da análise?

Alejandro Rostagnotto

Córdoba, 11 de dezembro de 2025

² Touchon Fingermann, Dominique. (2019), *Do impasse de um discurso ao Dizer Outro: um salto. Há alegria!* Wunsch n.19, p. 37-40.